

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Alan Santos/PR



Michelle: o clã resiste a entregar o espólio a ela

Para o clã Bolsonaro, na política esposa não é parente

Em fevereiro, em um seminário do PL em Brasília, Carlos Bolsonaro chorou ao lembrar que teve que derrotar a própria mãe, Rogéria, para se eleger vereador pela primeira vez. Rogéria foi a primeira pessoa do clã que Bolsonaro introduziu na vida política, em 1992, logo depois dele mesmo. Em 2000, Bolsonaro estava se separando de Rogéria, que é mãe não apenas de Carlos,

mas também do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e do deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). Para evitar, então, que Rogéria se elegeesse vereadora novamente, ele colocou Carlos para derrotar a mãe. Algo que Carlos admitiu naquele dia, foi “traumático”. O episódio está na raiz dos problemas de relacionamento dos três filhos com a madrastra, Michelle.

Acerto

Pesquisa Atlas Intel divulgada nesta terça-feira (2) a mostra empatada com Lula num eventual segundo turno. O problema é a aceitação de seu nome pelo clã. E essa aceitação está difícil. Valdemar tenta uma reunião entre todos para conseguir obter um freio de arrumação. Um acerto mínimo.

Flávio

O senador Flávio Bolsonaro coloca-se como a alternativa da família. Mas ele está longíssimo de ter o mesmo apelo eleitoral que parece ter Michelle. E Valdemar, afirma ao Correio Político um interlocutor de Valdemar, confia pouco nele. Costuma comentar que Flávio é menos fiel ao partido que Eduardo.

Renan Olaz/CMRJ



Carlos derrotou a própria mãe para se eleger vereador

A disputa pelo espólio é bem grande

É como se Bolsonaro invertesse o sentido daquela frase atribuída a Leonel Brizola. Quando ainda se imaginava que fosse haver eleição em 1965, ele dizia que não haveria impedimento em disputar a Presidência sendo cunhado do então presidente, João Goulart. Seus correligionários di-

ziam que não havia impedimento, porque “cunhado não é parente”. Assim, a resistência especialmente dos filhos reside em algo próximo: “Esposa não é parente”. Ou pode deixar de ser. E há diversos outros problemas de relacionamento entre a madrastra e os filhos de Bolsonaro.

Joga para ele

Segundo esse interlocutor, nas eleições de 2022, Eduardo, com todos os seus problemas de voluntarismo, teria cumprido mais efetivamente missões do partido que lhe foram dadas. Flávio, tido como mais maleável e experiente politicamente, seria muito individualista: jogaria somente para ele.

Ceará

Depois de uma reunião nesta terça-feira (2), o PL suspendeu os acertos que estavam sendo feitos no Ceará para fechar uma aliança em torno de Ciro Gomes (PSDB) ao governo do estado. Ou seja: num primeiro momento, Michelle venceu a parada. O apoio a Ciro subiu no telhado.

Voluntarismo

De qualquer modo, voluntarismo parece ser o grande problema dos Bolsonaro. É a origem de todo o rolo de Eduardo nos EUA. E a razão do rolo com Michelle no caso do Ceará e de Ciro Gomes. Valdemar quer tentar reunir todos para, ao menos, pedir que o jogo entre eles seja mais combinado. Mas a tarefa é difícil.

Pragmatismo

No fundo, o que Valdemar desejaria era conseguir imprimir um pouco de pragmatismo à visão política do clã. O PL é o mesmo partido que ocupou a vice nos dois primeiros governos de Lula. Mas o problema é que ele fez o PL crescer ao incorporar um grupo que nada tem de pragmático.

Popularidade de Lula cai, e ele empata com Tarcísio e Michelle

Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil



Pesquisa AtlasIntel aponta para aumento nas dificuldades do presidente

Por Rudolfo Lago

Depois de ter experimentado melhora nos seus índices de aprovação desde setembro, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) volta a amargar queda na sua popularidade. Seu índice de desaprovação voltou a ser maior do que o de aprovação, o que não acontecia desde agosto, de acordo com a pesquisa AtlasIntel feita em parceria com a Bloomberg. Na pesquisa divulgada nesta terça-feira (2), Lula tem uma desaprovação de 50,7% contra uma aprovação de 48,6%.

Em agosto, última vez em que isso tinha acontecido, a desaprovação de Lula era de 51%, contra uma aprovação de 47,9%. A partir daí, num período que coincidiu com as ameaças e sanções feitas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, com o tarifaço de 50% imposto aos produtos brasileiros, Lula viu sua popularidade subir.

Em setembro, tinha 50,8% de aprovação e 48,3% de desaprovação. Em outubro, sua aprovação subiu para 51,2%, e a desaprovação caiu para 48,1%. Agora, a aprovação caiu dois pontos percentuais, e a desaprovação subiu.

Para 48,6% dos entrevistados, o governo Lula é “ruim ou péssimo”. E 44,4% o acham “ótimo ou bom”. Se as reações ao tarifaço de Trump tinham motivado antes a subida de Lula, agora a queda parecer relacionada à visão quanto à segurança pública, após a operação policial no mês passado nos Complexos do Alemão e da Penha no Rio de Janeiro.

Eleições

Naturalmente, a queda na

popularidade reflete no desempenho eleitoral de Lula, que em 2026 pretende disputar a reeleição como presidente. Agora, em três simulações de segundo turno, o presidente aparece empatado tecnicamente com seus adversários. Um deles, o ex-presidente Jair Bolsonaro, não irá concorrer: está inelegível e preso na sede da Polícia Federal em Brasília. Mas os outros dois são eventuais adversários.

Nos três casos, o resultado eleitoral seria o mesmo. Contra Bolsonaro, Lula teria 49% no segundo turno e o ex-presidente, 47%. Contra o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), a mesma situação: 49% contra 47%. E os mesmos 49% contra 47% numa eventual disputa de segundo turno entre Lula e Michelle.

A persistência da mesma situação nas três simulações parece apontar para uma percepção do eleitor que todas as alternativas hoje significam um voto contra Lula. Ou seja, os eleitores que não querem ver Lula reeleito reagem da mesma forma quanto a qualquer um dos três nomes. E Lula parece

ter em 49% o seu teto.

Numa eventual disputa contra o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), Lula mantém os 49%, e Zema fica com 41%. O mesmo numa eventual disputa contra o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil): 49% contra 41%. Contra o governador do Paraná, Ratinho Jr. (PSD), o mesmo teto: 49% contra 40%. Contra o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSD), Lula fica com 47%, mas Leite alcança somente 28%.

Primeiro turno

Lula, porém, vence em todos os cenários de primeiro turno, embora sem chances de resolver já na primeira volta a eleição. No primeiro cenário testado, o presidente tem 48,4%; Tarcísio, 32,5%; Caiado, 5,7%; Zema, 2,3%, e Renan Santos (Missão), 1,9%.

Entrando Michelle no lugar de Tarcísio, Lula tem 48,7%, e ela 28,6%. Caiado fica com 9,4%. Ratinho Jr, 5%. Zema, 4,4%. E Renan, 2,1%.

Num cenário sem Tarcísio nem Michelle, Lula tem 48,5%. Ronaldo Caiado, 16,9%. Rati-

nho Jr., 12,6%. Zema, 9,5%. E Renan Santos, 2,6%.

Sendo o adversário o senador Flávio Bolsonaro (PL), Lula tem 47,3%, e ele 23,1%. Caiado tem 10,2%. Ratinho Jr., 7,1%. Zema, 5%. Renan, 2,1%. E Eduardo Leite, 1,1%.

Numa simulação na qual o candidato do PT seja o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e não Lula, ele lidera com 44,4%. Tarcísio fica com 32,3%. Caiado, 5,6%. Ratinho Jr., 4,2%. Zema, 2,9%. E Renan, 2%.

O Atlas/Intel ainda simulou a repetição das eleições de 2022, perguntando ao eleitor como ele votaria se os candidatos fossem os mesmos. No caso, Lula aparece com 45,7%. Jair Bolsonaro com 44,8%. A ministra do Planejamento, Simone Tebet (MDB), teria 2,9%. E Ciro Gomes (antes no PDT, agora no PSDB) teria 2,8%. Ou seja, as posições se manteriam iguais.

O Instituto AtlasIntel ouviu 5,5 mil pessoas pela internet, entre os dias 22 e 27 de novembro. A margem de erro da pesquisa é de um ponto percentual, para mais ou para menos.

Alcolumbre cancela sabatina de Jorge Messias ao STF

Lula Marques/Agência Brasil



Irritação de Alcolumbre com Lula permanece grande

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil), anunciou nesta terça-feira (2) o cancelamento do cronograma que havia anunciado para a sabatina de Jorge Messias, indicado pelo presidente Lula (PT) ao STF (Supremo Tribunal Federal).

O cancelamento dá mais tempo para Messias fazer campanha e obter apoio de senadores, o que é bom para o governo. Por outro lado, Alcolumbre usou palavras fortes para se referir à ausência de comunicação formal da indicação pelo Planalto. Sem esse passo burocrático, o Senado não pode decidir se aceita ou não o indicado.

“Sem precedentes”

“Esta omissão de responsabilidade exclusiva do Poder Executivo é grave e sem precedentes. É uma interferência no cronograma da sabatina, prerrogativa do Poder Legislativo”, afirmou Alcolumbre. Ele tem demonstrado a aliados que está irritado com a

situação.

De acordo com o cronograma anunciado anteriormente pelo presidente do Senado, a sabatina de Messias ocorreria no próximo dia 10 de dezembro. Na quarta-feira (3), seria lido um relatório legislativo recomendando a aprovação ou rejeição de Messias.

Os governistas buscavam

ganhar tempo com o atraso no envio da mensagem ao Senado. Alcolumbre já havia protestado contra essa possibilidade em nota divulgada no fim de semana. “Para evitar a possível alegação de vício regimental no trâmite da indicação, diante da possibilidade de se realizar a sabatina sem o recebimento formal da mensagem,

esta presidência e a CCJ do Senado determinam o cancelamento do calendário apresentado”, declarou Alcolumbre, referindo-se à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde é feita a sabatina.

Pino na granada

O relator da indicação de Messias, Weverton Rocha (PDT-MA), deu entrevista logo depois do anúncio do presidente do Senado. “O pino foi colocado de volta na granada”, disse ele, no sentido de que o adiamento da sabatina reduz o atrito político entre governo e Senado.

Weverton mencionou que agora haverá tempo para articular o apoio a Messias e reaproximar o Senado e o governo. O indicado de Lula sofre resistência porque Alcolumbre e outros senadores queriam que o escolhido do presidente da República fosse Rodrigo Pacheco (PSD-MG), também senador.

Caio Spechoto, Catia Seabra e Mariana Brasil (Folhapress)